

**IN: Puntel, Joana T. / Equipe do SEPAC (org.).  
O humano na dinâmica da comunicação. São Paulo,  
Paulinas, 2021.**

### 3. A CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA É HUMANA

Elizabeth Saad\*

**A**s duas primeiras décadas deste século XXI nos trouxeram complexidades, perplexidades e mutações. Será que ainda vamos nos lembrar do “*bug* do milênio” que nos acompanhou na virada do ano 2000? Ou melhor seria marcar a virada de 2020 para 2021 como “o ano que ainda não terminou”? Se voltarmos ainda mais no tempo, vamos encontrar o início da “rede”, esse emaranhado de conexões e dispositivos sociotécnicos que nos cerca e nos determina em vários momentos do cotidiano. Quais foram as complexidades e mutações dos últimos trinta anos e em que potência elas nos atingiram?

---

\* Professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), graduada e mestra em Administração de Empresas, doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Docente e orientadora do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação. Coordenadora do grupo de pesquisa COM+. E-mail: bethsaad@usp.br; bethsaad@gmail.com.

Embora a aceleração tecnológica e a própria noção de tempo tenham nos envolvido, há que se reforçar o papel do humano em todo esse processo, seja para criar e conduzir a transformação, seja para nos reconectar com a essência, e o nosso papel central em tudo o que é comum, em tudo que se comunica e se sociabiliza.

Ao mesmo tempo, a aceleração da conectividade e das relações trouxe à luz todo tipo de desigualdades latentes ou disfarçadas da esfera pública pré-rede, reforçando a ideia de que as tecnologias digitais de informação e comunicação nem sempre funcionam como o meio de equalização e equilíbrio das relações humanas.

Mas, como se diz, “é o que temos”, e é sobre nossa contemporaneidade que precisamos compreender as dinâmicas e atuar como comunicadores humanos.

É a partir desse olhar reflexivo e, também, propositivo que discuto aqui as características comunicativas de nosso tempo, o contexto onde se instalam e o papel humano de atuação protagonista deste tempo. E, simultaneamente, reforço que vivenciamos uma cena comunicativa desequilibrada e, em muitos casos, excludente.

### Como vivenciamos o contemporâneo

Conexões e dispositivos parecem ser os vetores de nossos processos de sociabilidade.

Desde a introdução da internet como a conhecemos, há trinta anos, com a implementação da *World Wide Web*

concebida por Tim Berners Lee, vem ocorrendo uma espécie de migração das atividades humanas para a rede digital de computadores. Notícias, informações, consumos diversos, relacionamentos, transações materiais e imateriais, políticas, opiniões e discussões foram se instalando na *web* como meio de acelerar tempos, derrubar fronteiras físicas, produzir trocas imediatas em tempo real, tudo mediado por uma interface computacional.

Estar conectado, ou ter acesso a uma conexão com a rede, passa a ser um elemento necessário ao cotidiano. E não só seres humanos se conectam. Máquinas, objetos, casas, sistemas de operação diversos, veículos, aeronaves são alguns exemplos de como operamos nossas vidas em rede.

E, para estar conectado, são necessários dispositivos.

Assumimos aqui um conceito amplo sobre dispositivos, sustentado pelas propostas do filósofo italiano Giorgio Agamben<sup>1</sup> (em paralelo aos franceses Michel Foucault e Gilles Deleuze), para quem dispositivos na sociedade contemporânea são “quaisquer conjuntos heterogêneos, que incluem virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos”. Dispositivos sempre estabelecem uma relação estratégica e se inscrevem em uma rede de poder.

<sup>1</sup> AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesto. Chapecó: Argos, 2009.

A partir de Agamben, podemos entender que os dispositivos de nosso contemporâneo conectado não são apenas os objetos materiais – um computador, um telefone celular, uma máquina operadora, um relógio inteligente ou um *tablet*, por exemplo. Temos de incluir como dispositivos todos os elementos de conexão que vêm “embutidos” nos objetos e que funcionam como mediadores das relações – por exemplo, um aplicativo de internet *banking*, um agregador de músicas, um *website*, um vídeo etc. Falamos, portanto, de materialidades e imaterialidades em conexão e agregadas como intervenientes nos processos de comunicação e sociabilidade humana.

Na prática, o cotidiano mediado por dispositivos conectados à rede se traduz no cartão do SUS como porta de entrada para a rede de atendimento, no cadastro de visitante para entrar em um edifício, nas sugestões de filmes que recebemos do operador de *streaming*, nas notícias que escutamos pelo celular e pelo respectivo aplicativo de rádio. Estes são poucos exemplos de nosso envolvimento conexão-dispositivos.

Tal cenário traz o protagonismo das plataformas sociais – os grandes espaços imateriais de interação, sociabilidade e transações disponibilizados pelos gigantes do Vale do Silício e alcunhados pela professora Jose Van Dijck<sup>2</sup> como *Big Five*. Falamos de Alphabet Inc./Google, Amazon,

<sup>2</sup> DIJCK, Jose van; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. New York, NY: Oxford University Press, 2018, 226 pp.

Apple, Facebook e Microsoft que operam todo um ecossistema globalizado de poder informacional, que modula algorítmica e comercialmente as relações econômicas e sociais. A autora e seus colegas pontuam que as plataformas sociais são alimentadas continuamente por dados (que os próprios usuários se encarregam de fornecer naturalmente), organizam-se por meio de algoritmos e processos de inteligência artificial (que tendenciam interesses), são governadas por modelos de negócio específicos, e tudo isso a partir de uma aceitação por parte de nós, usuários.

Para se ter uma ideia da intensidade e poderio das plataformas sociais no espaço digital, temos os dados de outubro/2020, providos pela consultoria Statista,<sup>3</sup> que indicam a existência de 4,66 bilhões de pessoas no mundo conectadas à internet, das quais 4,14 bilhões são usuárias de plataformas sociais e destas, mais de 90% acessam as plataformas por meio de um dispositivo móvel. Proporção similar ocorre no Brasil, onde, dos mais de 157 milhões de pessoas conectadas à internet, 98% são usuários de plataformas sociais.

Os mesmos dados de outubro/2020 revelam o *ranking* das maiores plataformas sociais, com o Facebook liderando com 2,7 bilhões de usuários, seguido pelo YouTube e WhatsApp, empatados com 2 bilhões cada, e seguem o chinês WeChat, o Instagram e o TikTok.

Conexões, dispositivos e plataformas sociais nos levam a dois cenários que ressignificam e impactam diretamente

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.statista.com>.

as relações humanas: a necessidade de ver e ser visto e a instalação de um novo *habitus* social para evidenciar o viver plataformizado. É comum em nossos tempos a frase “dá um Google” para resolver quaisquer necessidades de nosso cotidiano e também de nossa cognição.

Estar nas plataformas sociais significa, para a grande maioria de seus participantes, um processo de legitimação social, de pertencimento a qualquer instante, desterritorializado e dissociado de culturas locais. O professor John Thompson,<sup>4</sup> da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, fala que vivenciamos uma visibilidade mediada “que possibilita a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos”. Com isso, abre-se um enorme campo de entes visíveis por meio das *selfies*, dos vídeos de *youtubers*, dos *posts* de blogueiras(os) e, principalmente, da emergência da figura do influenciador e dos decorrentes ganhos potenciais por estar presente e pertencer a algo. Em alguns casos, o cenário de visibilidade torna-se um cenário do espetáculo social.

E, para ser visível, há que se comportar por meio das funcionalidades oferecidas pelas plataformas: *selfies*, danças no TikTok, *postagens*, “curti”, “descurti”, *emojis*, *repostagens*, *elogios*, *cancelamentos*, e por aí vai. Comportamentos massificados, ou seja, um *habitus*, definido por

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizetes/article/view/153199/149813>.

Pierre Bourdieu<sup>5</sup> como o modo de ser definidor de atores e agentes de um dado espaço social envolvendo falas, práticas e posturas em comum, para atuação diante de uma realidade. Temos, portanto, a realidade social das plataformas digitais em mutação contínua, povoada por um *mix* de atores e agentes – audiência, mídias, marcas, personagens e, principalmente, os algoritmos e *bots* – que configuram um *habitus* muito peculiar de nosso tempo, o qual ressignifica e impacta a práxis comunicativa.

### Um contexto povoado de humanos e não humanos

Como vimos, nosso contemporâneo tem a marca das conexões e dos dispositivos que acabam por gerar todo um processo de sociabilidades baseado em visibilidades e em comportamentos massificados. Isso não ocorre “naturalmente”. Temos por contexto a infraestrutura técnica das plataformas e da própria rede, e o comportamento humano se adequando a esse novo cenário social.

Conforme indicamos, a sociedade contemporânea, estruturada por conexões em redes digitais, requer um entendimento daquilo que está por detrás das telas e que faz a máquina social se movimentar; e também de qual o papel do humano nesse processo maquínico.

A professora Van Dijck deixa claro em seus trabalhos que vivenciamos um processo anterior às plataformas – o

<sup>5</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Habitus>.

processo de dataficação de tudo. Se estamos conectados à rede por meio de algum dispositivo, qualquer atividade feita nesse ambiente transforma-se em um dado – um sinal eletrônico traduzido por zeros e uns que pode ser lido por sistemas computacionais. Na prática, se digitamos um mero texto em uma tela ou se clicamos um *emoji* de “curti”, essa ação é absorvida numericamente pelo sistema que o sustenta. Considerando que a maioria de nossas ações de conectividade e comunicação acaba por ocorrer em uma plataforma social, é possível dizer que um comentário que fazemos na postagem de um amigo do Facebook vai incorporar-se a um imenso banco de dados que correlaciona tal ação ao perfil comportamental do usuário.

É aqui que surge a primeira relação entre o humano e a máquina – nós alimentamos o processo continuamente, fazendo com que enormes volumes de dados fiquem suscetíveis a processamentos, formatações, que são automatizados e universalmente disponibilizados.

As plataformas usam esses dados para gerar valor econômico para si mesmos ou para clientes que se dispõem a pagar pelo acesso e pelo uso dos dados, de acordo com as condições de negócio de cada plataforma. Nesse processo de uso dos dados entra em ação uma sucessão de dispositivos técnicos – algoritmos, inteligência artificial, robôs (os *bots*), sistemas de aprendizagem de máquina, entre outros que se constituem em elementos dinâmicos que se adaptam e se alteram conforme as necessidades de seus proprietários.

Nessa etapa aprofunda-se a ligação entre plataformas (máquinas) e humanos, já que os principais atores do ecossistema são humanos (corporações, Estados), entidades representativas de grupos sociais (ativistas, jornalistas, partidos políticos), representantes “extrassociedade” (terroristas, hackers) e, claro, os cidadãos comuns.

Todo esse conjunto sistêmico é operado por seres humanos que programam dispositivos, controlam as plataformas e acionam as mudanças. Com isso, a rede reflete como em um espelho a sociedade que vivemos, a natureza humana com suas bondades e mazelas.

Com isso, é fundamental termos a consciência do papel do humano na sociedade digitalizada, dataficada e platformizada, não apenas como partícipes da operação técnica, mas fundamentalmente como seres que se comunicam, interagem, trocam afetos e ódios, se expressam com verdades e falsidades, se fazem visíveis autênticos ou por meio de personagens, atuam para o bem comum ou para interesses particulares. A rede somos nós, nossa cultura, seja ela qual for. A tecnologia, a rede, as plataformas apenas amplificam e aceleram o que já existe.

### **Como atuar na cultura digital – o protagonismo do humano**

Se temos claro qual é nossa realidade, cabe ao ser humano, indivíduos e grupos sociais, definir suas ações nesse

processo. Se a rede está fincada em nosso cotidiano, se dela dependemos para nos comunicarmos e se sabemos que ela permanecerá cada vez mais presente em nosso futuro, o que podemos fazer agora para vivenciar a cultura digital de uma forma mais humanista? Por outro lado, se sabemos que a sociedade hiperconectada não está ao alcance de todos, de uma forma universal e equivalente, quais ações inclusivas e humanísticas podemos empreender?

Evidente que não existe consenso para o cenário até aqui descrito, como também não existe solução universal para todas as questões indicadas. Apenas proponho aqui algumas sugestões que valorizam a ação do comunicador humano.

Conscientização, educação, informação legítima e ética são quatro caminhos que podem resultar em um enriquecimento da cognição coletiva sobre a cultura digital e, ao mesmo tempo, com um potencial enorme de multiplicação. Empreender tais ações é função do homem – cidadão comunicador que atua nos múltiplos espaços institucionais e de representação do tecido social.

Conscientização sobre como funciona a rede e cada uma das plataformas sociais é uma ação fundamental e responsiva tanto para usuários quanto para operadores das plataformas e sistemas. Apesar de estar praticamente naturalizado o uso de um celular para enviar mensagens e tirar fotos, para postar no Facebook ou para até mesmo falar em modo áudio via o WhatsApp, por exemplo, é preciso construir ações de esclarecimento de forma contínua,

já que os sistemas que operam a rede estão sempre em melhorias constantes.

Importante esclarecer sobre como funcionam os algoritmos, sobre o fato de que cada ação que se faz em um dispositivo – voluntária ou involuntariamente – é convertida em sinais codificados que alimentam uma cadeia de interesses geralmente privados e, até mesmo, de governos. Não existem, tecnicamente, anonimato e invisibilidade em ambiente de conexão digital.

Com isso, há que se conscientizar também cada um de nós sobre o estabelecimento de um processo de governança individual para presença nos ambientes digitais. Falamos aqui da responsabilidade de cada um sobre suas narrativas de vida, aquelas que são públicas e visíveis a qualquer tempo e por qualquer um, e aquelas da ordem privada que delimitam a visibilidade da intimidade e do eu. Algoritmos não distinguem fronteiras de cada usuário da rede. Eles simplesmente detectam o dado e o classificam e o manipulam conforme as regras privadas do próprio sistema.

A vertente de educação não está restrita à conhecida alfabetização midiática e computacional, ainda que sua relevância seja central. Também possui relação estreita com os aspectos de informação contínua. É o que denominamos de “alfabetização midiático-informacional de amplo espectro”, envolvendo cruzamentos matriciais entre faixas de públicos – do infantil ao profissional –, com diferentes formatos de aproximação com meios de estímulo ao conhecimento – livros, rodas de leitura e conversa –, reconhecimento de

notícias/informações e sua categorização no espectro de veracidade, estímulos à cognição (criatividade, expressão e linguagem, raciocínio lógico, *design* social etc.), dentre os principais. Simultaneamente, é importante aculturar uma grande parcela da população quanto aos recursos, fontes, ferramentas e sistemas sociotécnicos que sustentam todo o processo midiático-informacional, por meio da aproximação às diferentes fontes de produção do conhecimento científico – cientistas, pesquisadores, universidades, institutos, entre outros.

Por último, algo que consideramos um dos grandes pilares da sociedade contemporânea: a ética individual e coletiva. Tema extenso que ultrapassa a proposta deste ensaio, mas apenas uma palavra: se não nos apoiarmos em preceitos, regras e valores que preservem a igualdade, a liberdade de expressão e a responsabilidade de cada um de nós perante o cenário de ampla digitalização, tudo o que criamos não terá futuro.